

Um outro espaço, espelho do real

Gabriel Dorfman e Emilia Stenzel

Os arquitetos cariocas, que na segunda metade da década de 50 impulsionaram o incerto projeto político de JK, dando inusitada feição à nova capital, reconheceram na dimensão política da arquitetura a possibilidade de ampliação dos horizontes daquele projeto. Na cunha aberta com Brasília no interior do país, invertendo-se alguns vetores históricos de ocupação territorial, de constituição da paisagem urbana, de compreensão de cidade.

O embate hoje travado na discussão sobre o desenvolvimento urbano da capital não resulta de divergência entre a vontade dos arquitetos e os anseios da população do Plano Piloto, que há muito luta ao lado daqueles pela preservação das superquadras, pela preservação das áreas verdes. O atual debate sobre o suposto "engessamento da cidade" em razão da preservação somente pode ser entendido como falsa consciência. Subjacente a ele está o enfrentamento da ideia de cidade regulada, de social regulado, com o *laissez-faire* de frente pioneira que ergue torres de 30 andares nas cidades do entorno.

O espaço heterotópico de Brasília desafia a

pressão desse capitalismo primitivo e testemunha a possibilidade de construção de uma outra paisagem cultural: uma paisagem que busca reconciliação com a natureza alijada dos tecidos urbanos tradicionais, uma paisagem que reconhece em sua amplitude o território em construção. A vida vem se realizando nos espaços do Plano Piloto, desdobrando novos sentidos em seu traçado, sobrepondo outras intenções àquelas dos arquitetos. O sentido da ordem originária se transforma, na mesma medida em que pauta aspectos das novas dinâmicas urbanas. E a emergência de dinâmicas mais inclusivas se dá na contaminação por elementos dessa ordem, não em sua negação.

O contexto urbano que aqui se constitui, a partir do espaço preservado do Plano Piloto, abre mais perspectivas para a compreensão e a configuração da cidade contemporânea, do que os modelos urbanos subjacentes à sua crítica. As novas modalidades de comunicação surgidas nas últimas duas décadas transformam as possibilidades do encontro, integrando aos espaços dos habitantes das cidades, e mesmo aos do campo, escalas de articulação, que alteram relações público-privado, esvaziam funcionalmente espaços tradicionais e subvertem as lógicas de localiza-

ção, posicionamento e deslocamento. O impacto destes desenvolvimentos para a constituição do espaço e do tempo das cidades contemporâneas, bem como para a constituição da própria territorialidade, ainda não estão suficientemente equacionados pelo planejamento urbano. Indiferente a estas transformações, a mais virulenta crítica a Brasília, que se aferra à utopia regressiva da cidade do século XIX, se ampara em uma encenação do urbano que não ultrapassa o reduzido horizonte do consumo, para denunciar em Brasília um esvaziamento comunicacional que ocorre com força equivalente nos espaços urbanos tradicionais.

O desenvolvimento urbano do Distrito Federal, assim como o desenvolvimento da região Centro-Oeste, extrapolaram a reduzida escala das previsões iniciais e colocam atualmente desafios e problemas de ordenação territorial comuns às demais regiões metropolitanas do país. O Plano Piloto, hoje um bairro de classe média alta, está socialmente tão distante de suas cidades satélites quanto os Jardins da periferia paulistana. Mas enquanto aqueles (Jardins) espelham o processo que comprometeu a feição de nossas cidades ao longo do século

XX, onde a construção da paisagem sucumbiu à insaciável pressão por verticalização e ocupação de vazios, o espaço do Plano Piloto insiste em manter aberta uma outra possibilidade.

Na permanência dos espaços que sintetizam meio século de reflexão sobre as possibilidades da arquitetura e do urbanismo no país, um outro futuro para a vida urbana se coloca como alternativa. Na permanência dos espaços que inauguram uma outra relação com a natureza, se coloca uma outra possibilidade de território. Na permanência dos espaços nascidos da conjunção do urbanismo com a política, abre-se uma outra possibilidade de pensar o horizonte do projeto.

Ao Moloch que devora nossas metrópoles, os espaços de Brasília se contrapõem como persistência da Vontade.

GABRIEL DORFMAN é doutor em História da Arquitetura pela Universidade de Berlim e professor de Teoria e História da Arquitetura da UnB

EMÍLIA STENZEL é mestre em Teoria da Arquitetura pela UnB e professora de Teoria e História da Arquitetura do UniCéub

BRASÍLIA 50 anos



Oscar Niemeyer